

Resumo

INTRODUÇÃO: A automedicação, uma prática muito comum na atualidade, é um problema antigo e já conhecido pelos profissionais da área da saúde. A Organização Mundial da Saúde (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 1998, p.03) define a automedicação responsável como “a prática pela qual indivíduos tratam seus problemas de saúde com medicamentos aprovados e disponíveis para serem adquiridos sem prescrição, e que sejam seguros e efetivos quando utilizados como indicado”. Para Filho et al. (2002), esta é uma forma de auto-atenção à saúde que se baseia no consumo de medicamentos para aliviar e tratar sintomas ou doenças percebidos, independente da prescrição profissional. Há que se levar em consideração o simbolismo que existe em torno da ingestão de medicamentos, pois na nossa sociedade os medicamentos são vistos como bens de consumo, comercializados como tal. Por outro lado, existem vários fatores que fazem com que indivíduos se automediquem: a facilidade na obtenção, a resolutividade aos problemas de saúde percebidos, as dificuldades encontradas no acesso aos serviços de saúde, bem como a falta de tempo disponível para a procura de um profissional habilitado, decorrente das atividades diárias, entre outros. Também é considerado automedicação a indicação de um medicamento por uma pessoa não habilitada. Segundo Helman (1994), este conselho ou tratamento pode ser recomendado por um parente, vizinho ou colega de trabalho (pessoas que estão ligadas por um vínculo). Isto significa que paciente e curandeiro estão compartilhando concepções semelhantes de saúde e doença e, por isso, haverão raros desentendimentos entre ambos. Esta alternativa de saúde é conhecida como informal e representa uma das primeiras formas de buscar assistência, isto é, inicia com automedicação e vai até a consulta com pessoas próximas, podendo incluir remédios, tanto industrializados como naturais. Nesta perspectiva, a procura pela assistência profissional só ocorrerá quando a automedicação não for eficaz. Essa realidade mostra que a prática da automedicação é realizada de forma inconseqüente, podendo causar riscos à saúde como resultado de interações medicamentosas ou mascaramento de processos patológicos mais graves. **OBJETIVOS:** O estudo teve como objetivo geral caracterizar a prática da automedicação entre acadêmicos de enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Como objetivos específicos, pretendeu-se identificar se a automedicação é uma prática utilizada na população estudada; identificar em quais situações é mais comum o uso de medicamentos; identificar os medicamentos mais utilizados; identificar se o conhecimento científico influencia na decisão de automedicar-se. **METODOLOGIA:** Trata-se de pesquisa quantitativa descritiva, realizada na Escola de Enfermagem da UFRGS. A população objeto do estudo foram acadêmicos de enfermagem do sexto, sétimo, oitavo e nono semestres da graduação, totalizando aproximadamente 190 alunos. O critério de elegibilidade utilizado foi o de já haver frequentado as disciplinas de Farmacologia Aplicada à Enfermagem I e II, oferecidas no quarto e quinto semestres respectivamente. O tipo de amostra utilizada foi a não probabilística e intencional, composta por 119 alunos. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário estruturado, com perguntas fechadas, distribuído nas turmas selecionadas, durante aulas teóricas e em campos de estágio. Foram feitos todos os esclarecimentos acerca dos objetivos da pesquisa, bem como a forma de participação dos respondentes, sendo que todos aceitaram participar do estudo. Cabe ressaltar que o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética da UFRGS, tendo sido aprovado para realização. Para a análise dos dados foi utilizada a média aritmética e a porcentagem, que constitui o método de estatística descritiva, bem como foi feita uma organização sistemática de valores numéricos, do mais baixo para o mais alto junto de uma contagem percentual do número de vezes em que cada valor foi obtido. Os resultados são representados sob forma de tabelas, gráficos e textos descritivos. **APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS:** Neste estudo, foi constatado que 91,6% da amostra é do sexo feminino, sendo este fato esperado, pois sabe-se que a enfermagem é predominantemente feminina. A maioria dos pesquisados, 74%, tem entre 21 e 25 anos. No que diz respeito à prática da automedicação, as respostas positivas totalizaram 98%, não levando em consideração a frequência (sempre, frequentemente e eventualmente). As queixas mais comuns que justificam a automedicação foram a cefaléia (21,4%), a gripe/resfriado (18%) e a hipertermia (16,9%). O grupo de medicamentos mais citados foram os analgésicos (25,1%) seguidos de antipiréticos (16,3%) e antiinflamatórios (11,3%). Quanto a frequência da leitura da bula antes da ingestão do medicamento, 59,6% dos respondentes lêem antes de ingeri-los; 87,4% responderam que o conhecimento adquirido na graduação influencia na decisão de automedicar-se, em oposição a 12,6% dos sujeitos que negaram a influência do conhecimento. Da mesma forma, constatou-se que 87,5% daqueles que afirmaram sofrerem a influência do conhecimento, avaliam melhor sua decisão de automedicar-se. **CONCLUSÃO:** Os dados desta pesquisa permitiram a caracterização da população de acadêmicos de enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, quanto a prática da automedicação. Pode-se concluir que esta é uma prática presente entre aqueles acadêmicos selecionados para o estudo, ou seja, os que possuíam conhecimento científico prévio, adquirido na disciplina de farmacologia. Os resultados deste estudo foram muito semelhantes a outros já realizados

entre a população leiga, o que significa que esta não é uma prática isolada de um grupo, sendo ela também utilizada por aqueles que dispõem de maior conhecimento sobre este assunto. Esta realidade leva as autoras a refletirem que os motivos que levam as pessoas à prática da automedicação, sejam elas leigas ou profissionais da área da saúde, podem estar relacionadas a fatores culturais, aprendidos no meio familiar e na sociedade. Desta forma, sugere-se a continuidade do estudo desta temática tendo como base referenciais antropológicos.

Referências Bibliográficas

FILHO, A.I.L. et al. Prevalência e fatores associados a automedicação: resultados do projeto Bambuí. Revista de Saúde Pública. São Paulo, v.36, n.1, p.55-62, 2002. Disponível em: <<http://www.fsp.usp.br/rsp>> Acesso em: 26 abr 2003.

HELMAN, C.G. Cultura, saúde e doença. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. The role of the pharmacist in self-care and self-medication. Genebra: WHO, 1998, 15p. Disponível em: <<http://www.who.int/medicines/library/dap/who-dap-98-13.pdf>> Acesso em: 19 jun 2003.

Notas de Rodapé

[1] Enfermeira do Hospital Nossa Senhora das Graças, Canoas, RS. Graduada em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da UFRGS.

[2] Enfermeira. Professora do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica da Escola de Enfermagem da UFRGS. Mestre em Enfermagem.

End.: Rua Pe. Antônio Vieira, 69/302, Santo Antônio, Porto Alegre, RS. CEP: 90640-060.

E-mail: luiza@enf.ufrgs.br

Creutzberg M, Funck L, Kruse MHL, Mancia JR, organizadores. Livro-Temas do 56º Congresso Brasileiro de Enfermagem; Enfermagem hoje: coragem de experimentar muitos modos de ser [livro em formato eletrônico]; 2004 Out 24-29 [capturado 13 Abr de 2006]; Gramado (RS), Brasil. Brasília (DF): ABEn; 2005. Disponível em: <http://bstorm.com.br/enfermagem>. ISBN 85-87582-23-2